

A SACOLA PERDIDA

RICARDO LÍSIAS

ILUSTRAÇÕES

RODRIGO YOKOTA



A
SACOLA
PERDIDA

A SACOLA PERDIDA

RICARDO LÍSIAS

ILUSTRAÇÕES RODRIGO YOKOTA

ORGANIZAÇÃO MIRNA QUEIROZ

1

5

Na última vez que o saguão do prédio ficou tão cheio de gente, o Brasil tinha acabado de ganhar a Copa do Mundo de Futebol. O síndico, seu João das Dores, resolveu fazer uma festa no prédio, já que não queria comemorar sozinho. Como a esposa dele, dona Maria das Dores, tinha viajado para a casa da filha, Cecília das Dores, o jeito era convidar os vizinhos para fazer a festa no prédio.

O ideal seria usar o salão reservado para esses eventos. Mas naquela semana o pessoal tinha resolvido pintar as paredes. Na verdade, ninguém imaginava que o Brasil iria chegar às finais. O começo da seleção tinha sido muito difícil.

– Não tem problema – seu Oscar falou para o síndico – a gente comemora no saguão. Cabe todo mundo e quem sabe o pessoal do prédio do lado resolve sair também.

– Legal ia ser parar a rua inteira – seu João das Dores sugeriu, todo sonhador.

Quem sabe. O prédio fica no meio de uma travessa sossegada. Quase todos os carros que passam por ali são dos moradores mesmo. Ônibus, só na avenida lá embaixo.

A festa foi até às dez da noite. Mas a Joana subiu antes porque naquela época ela só tinha três anos. O Caio é um ano mais novo. Quando a mãe dele viu que a Joana já estava subindo, resolveu se despedir das amigas e levar o filho para dormir também.

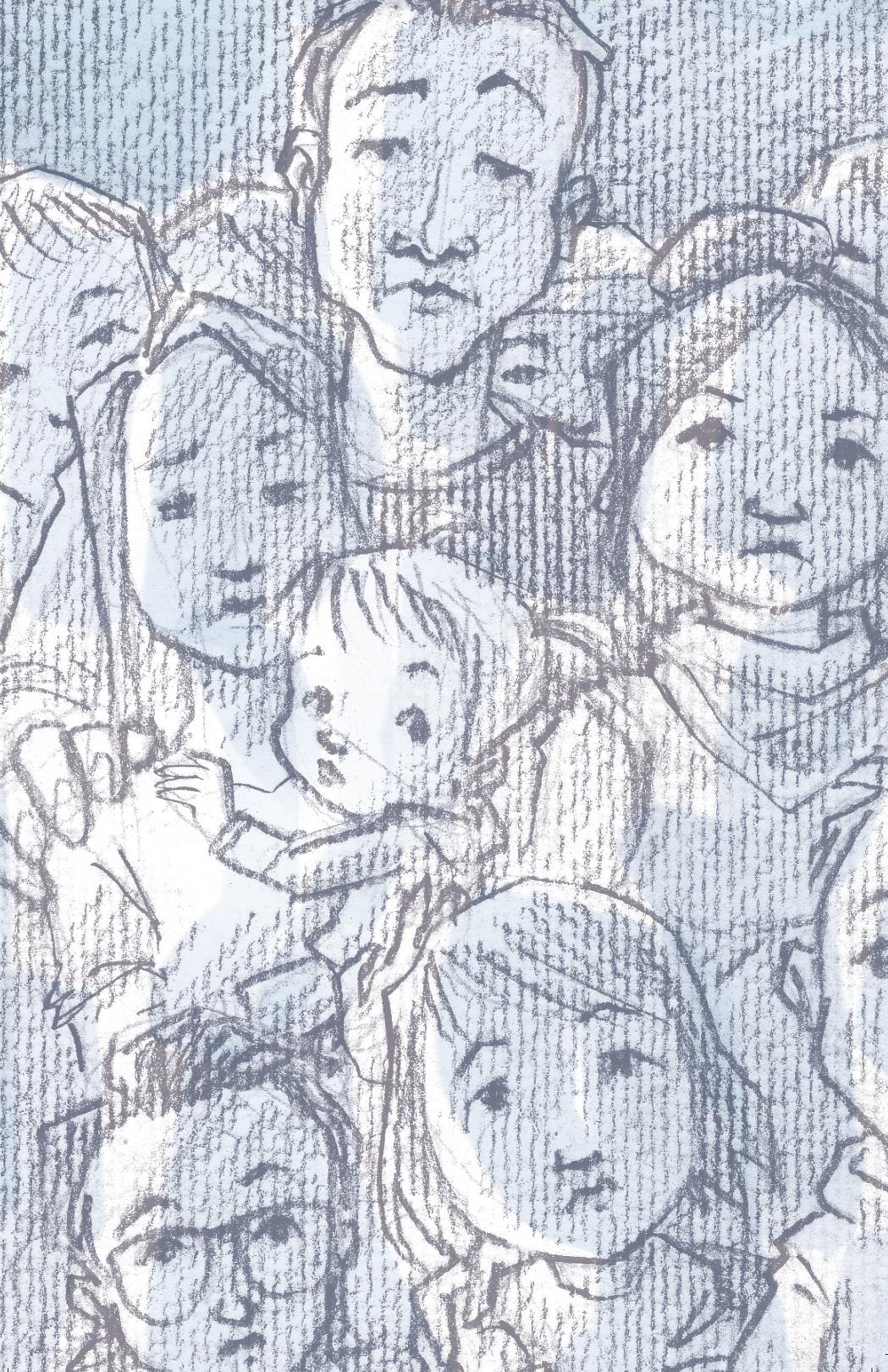
Foi legal. Uma senhora, que agora infelizmente já morreu, tinha levado uns doces e o porteiro trouxe lá do depósito uma mesa bem grande para colocar os sanduíches e o refrigerante. O Luís, que já ia na faculdade, ficou repetindo as jogadas mais bonitas do Brasil no meio do saguão. Como

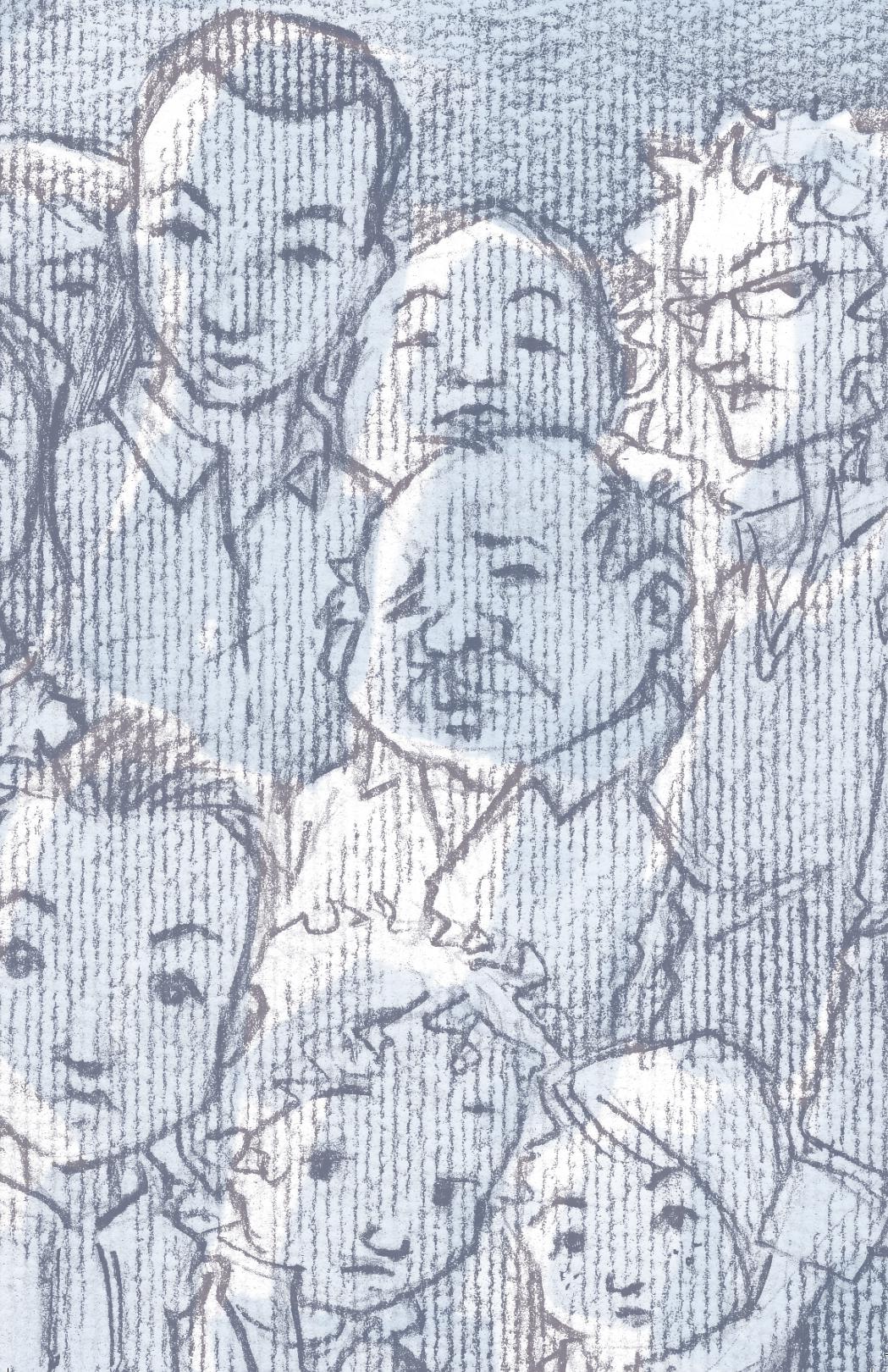
não tinha bola nem nada, às vezes ele perdia o equilíbrio e acabava caindo. Todo mundo dava risada porque ele fingia ter levado uma falta.

Mas dessa vez não tem ninguém achando graça lá embaixo. A luz dos postes está fraquinha, então quem passa com os carros precisa aumentar a atenção. Tudo está no escuro porque já faz meia hora que a luz acabou. A Joana ficou brava pois precisa estudar para a prova de matemática. Ela mora no décimo segundo andar e não pode subir tudo isso de escada.

Coitada da dona Norma. Tinha descido só para buscar um envelope e agora está preocupada. A cachorra ficou sozinha. E as duas odeiam o escuro. O saguão está iluminado por uma luz bem fraca. O gerador do prédio não está muito bom. Na garagem, o pai do Caio diz para o pai do Afonso que está com medo de que esses apagões comecem a acontecer com mais frequência.

Tomara que não. Escrevo meus livros de noitinha, quando o sol está indo embora, e preciso de luz elétrica para concluir cada um dos capítulos. Hoje, por exemplo, eu queria contar o que aconteceu quando o Caio e a mãe dele, que moram no terceiro andar (estou no segundo), resolveram subir de escada por causa do apagão. Mas não estou enxergando a folha direito. É melhor terminar por aqui.





2

O zelador tranquilizou todo mundo explicando que ninguém tinha ficado preso em nenhum dos dois elevadores. O do lado direito estava parado no térreo mesmo. O outro foi até o sexto andar. Por sorte, a dona Sofia já estava com a porta aberta quando a luz acabou. Ela teve um pouco de trabalho porque o Bang-Bang, o cachorro mais novo, odeia escuro e ficou morrendo de medo encostado em uma das paredes do elevador. – Daqui eu não saio – ele teria falado se pudesse falar. Já o Velho Oeste, mais velho e maduro, não liga muito. Com essa idade, é um cachorro experiente em falta de luz.

Para descobrir onde o segundo elevador tinha parado, o zelador teve que ir de escada olhar cada um dos andares. O prédio tem dezesseis. Já pensou se tivesse ficado no último? Até ele chegar a luz já teria voltado!

Mas não dessa vez. Faz uma hora que está tudo no escuro. O pai da Carina acabou de chegar. Ele trabalha longe e disse que a cidade inteira está sem luz. – Será que vai voltar algum dia? – Carina perguntou assustada. Nessa hora, todo mundo olhou para ela e riu. Com doze anos, ela é um

pouco desligada e de vez em quando faz umas coisas que ninguém acredita.

Dessa vez, porém, parece que a Carina tem um pouco de razão. Agora já são duas horas com aquele povo todo no saguão do prédio. Aliás, um monte de gente resolveu sair para a rua. É melhor do que ficar em casa, pois nessas horas conversar ajuda a distrair. O pessoal está morrendo de dó da dona Júlia. Ela não conseguiu achar os óculos no escuro e agora não enxerga nada na calçada. Para não tropeçar, alguém achou uma cadeirinha. Se demorar mais um pouco, capaz até que inventem um churrasco. Não precisa de luz para assar a carne mesmo...

Daqui a pouco dá quase três horas que a energia acabou. A mãe do Caio não aguenta mais: – São só três andares, vamos de escada – ela disse para o filho. O zelador, já um pouco cansado de tudo aquilo, ofereceu-se para ir junto. Como o gerador não está funcionando, a luz de emergência da escada apagou. Ele pode acompanhar os dois com uma lanterna. – Não precisa – ela respondeu – é rápido.

Caio apertou bem as mãos da mãe, e até o segundo andar deu tudo certo. De repente, porém perto da porta do terceiro andar, ele chutou alguma coisa logo no primeiro degrau e deu um grito de medo. – Mãe, tem um negócio aqui! – Assustado, Caio agarrou as pernas dela. Ainda bem que ninguém viu, porque senão iam depois ficar dando risada dele. Mas naquele escuro dá medo mesmo. A mãe disse que não era nada e os dois subiram até o apartamento. O pai veio logo depois.

Mas o Caio ficou preocupado. – Tem alguma coisa lá na escada – repetiu várias vezes. Quando a luz finalmente chegou, até bateram palma na rua. Foi mesmo um alívio: já está na

hora de todo mundo dormir. O Caio, porém, disse que não ia sossegar enquanto não soubesse o que tinha na escada. O pai dele foi até lá e voltou rindo: – Olha aqui, alguém esqueceu uma sacola de frutas!

Na verdade, fui eu. Como precisava começar a escrever logo esse livro, estava apressado e na hora de pegar a chave coloquei a sacola no chão e depois esqueci de trazê-la para dentro. Como moro no segundo andar, sempre que não estou muito cansado venho de escada. A família do Caio mora bem aqui em cima. Eu poderia ir agora mesmo buscar as frutas, mas vou deixar lá, pois quero escrever sobre elas, o Caio e os outros meninos aqui do prédio.

3

No dia seguinte, o único assunto na escola era a falta de energia. Tinha acontecido na casa de todos os alunos. A professora contou que estava no supermercado e teve que deixar as compras para trás. Os seguranças acabaram pedindo para todo mundo sair da loja. – Hoje cedo eu não tinha nem como tomar café da manhã – ela reclamou com a cara feia.

As crianças aqui do prédio estudam na mesma escola. A Joana e o Afonso estão um ano na frente do Caio e da Carina. Agora que já cresceram, os quatro voltam juntos sozinhos. Por muito tempo, os pais se revezaram para levar e trazer os filhos. Com isso, ficaram ainda mais amigos. Virou uma turminha.

Na volta, enquanto a Carina dizia que estava morrendo de fome e que esperava almoçar uma comida bem gostosa porque ontem, com a falta de energia, quase não deu para comer, a Joana contou que a professora disse o nome do que tinha acontecido: “apagão”.

– É quando a luz apaga não só em um prédio, mas em um lugar muito grande. Por exemplo: na cidade inteira, ou até

em um estado – ela explicou para os outros, enquanto todos esperavam o farol fechar.

– Fica uma enorme confusão – o Afonso continuou – porque hoje em dia tudo o que a gente faz precisa de energia.

– Será que algum dia a luz vai acabar de vez e a gente vai viver no escuro para sempre? – Agora ninguém riu da preocupação da Carina, mas o Caio respondeu: – Não é assim! Se algum dia acabar toda a energia para sempre, ainda vai ficar claro de dia. Ruim vão ser os dias que o sol quase nem aparece. – Mas a energia não serve só para a luz – a Joana continuou – é ela que faz o elevador subir, por exemplo.

Agora a Carina ficou assustada mesmo. – Nossa, vou ter que ir a pé todo dia até o décimo quinto andar?

– Vai – o Caio respondeu. – E quando tiver voltando de viagem, ainda vai ter que carregar as malas até lá em cima...

Quando já estavam chegando em casa, a Joana falou que a professora tinha explicado que é difícil acabar toda a energia do mundo. Existem muitas formas diferentes de produzi-la. Inclusive, algumas delas causam essa poluição que tanto incomoda as cidades grandes. Lá na China, uma das crianças lembrou, as pessoas precisam até usar uma máscara em certos lugares, porque senão acabam respirando um ar muito poluído.

Antes de subir para o almoço, as crianças combinaram de se encontrar de novo no saguão às 15 horas. O Afonso tinha trazido da casa de um primo um jogo chamado “Detetive” e queria mostrar para os amigos. – É muito legal, vocês vão ver.

4

Quando o Afonso apareceu com o jogo, os outros três amigos já estavam no saguão. Como o lugar é bem grande, às vezes as crianças ficam brincando na parte de trás, perto da porta que dá para o pátio maior. Quando está sol, elas preferem brincar lá fora, mas hoje o céu ficou coberto de nuvens.

– Do jeito que escureceu, – a Joana comentou – daqui a pouco começa a chover.

– Vai ver que é o apagão – Carina voltou ao assunto. – Acho que vai ficar tudo escuro aos poucos, para a gente ir acostumando.

A Joana, vendo o medo da amiga, explicou que não há a menor chance de isso acontecer. – A energia elétrica não vem do céu!

– É verdade, – Caio completou – mas bem que ajuda na hora que escurece. A professora disse que se as pessoas apagarem as lâmpadas e usarem mais a luz do sol, a gente economiza energia.

Quando Afonso colocou o jogo na mesa, Caio apontou para a fotografia na caixa e disse que o prédio estava precisando contratar um daqueles.

– Como assim? – Joana e Carina perguntaram ao mesmo tempo, sem entender nada.

Ele, então, apontou de novo para a fotografia. Era o típico retrato de um detetive: usando uma capa cáqui com o colarinho desdobrado, tinha um cachimbo na boca, uma lupa na mão esquerda e fazia cara de inteligente.

– É que a minha mãe falou com o porteiro – Caio resolveu explicar – e ele disse que não sabe quem deixou a sacola de frutas na escada no dia da escuridão.

– Do apagão, você quer dizer – Afonso corrigiu o amigo.

– É isso mesmo. Minha mãe falou com a dona Norma, com o seu João das Dores, com a dona Maria do primeiro andar e com a dona Maria do terceiro andar. Não foi nenhum deles que perdeu a sacola.

– Que coisa mais esquisita, – Joana se espantou, – será que foi alguém lá do alto?

– Melhor a gente guardar essas frutas para o dia que apagar de vez – Carina disse toda prudente – porque eu acho que vai ficar difícil.

– Imagina – Joana olhou para a amiga de um jeito engraçado, – até lá já apodreceu tudo.

As crianças discutiram mais um pouco e o jogo acabou ficando de lado. Agora elas têm um mistério de verdade para investigar!

5

Segundo o Afonso, o melhor jeito de resolver o mistério seria pedir para o porteiro interfonar para cada um dos apartamentos: – Ele pergunta se não foi dali que esqueceram uma sacola de frutas no dia do apagão.

Os outros acharam a ideia boa, mas na hora que chegaram na portaria, o síndico explicou que não ia dar certo. Em primeiro lugar, o porteiro não poderia ficar perdendo tanto tempo assim. O prédio é alto! Depois, muitos moradores não estão em casa a essa hora.

– Vamos escrever um monte de bilhetes – Carina disse com cara de esperta – e colocar cada um em uma porta. A gente avisa que a sacola está aqui na portaria.

– Nossa, Carina – Joana foi logo explicando – a gente vai demorar uma semana para escrever tantos bilhetes.

– É verdade – seu João das Dores interrompeu – O prédio tem 64 apartamentos e só um está vazio.

– Então vamos dar outro jeito, – Caio sugeriu. – A gente pode escrever um cartaz e colar na porta do elevador principal.

Seu João das Dores relutou um pouco, mas como as crianças insistiram, acabou deixando. Então Afonso subiu correndo e pegou uma caneta de ponta grossa emprestada da mãe. Quem ficou encarregada de escrever o cartaz, em uma folha que o próprio síndico arrumou, foi a Carina. Ela tem a letra mais bonita de todos. Até que não ficou ruim:

ENCONTRAMOS UMA SACOLA
XEIA DE FRUTAS NO DIA DO
APAGÃO. QUEM PERDEU
PEGAR NA PORTARIA.

– Ficou bom – seu João explicou – mas cheio não se escreve com “x”.

Carina ficou vermelha e tentou corrigir escrevendo “ch” por cima da letra “x”.

– Agora estragou – Caio disse. – Vamos fazer de novo.

Na segunda vez deu certo e as crianças colaram satisfeitas o cartaz com durex no espelho do elevador. Logo, a mãe da Carina chamou a filha para jantar. As outras crianças resolveram voltar para casa também, pois estava escurecendo e elas tinham que fazer a lição de casa.

Enquanto subiam no elevador, Afonso fez ainda um último comentário: – Os adultos já estão começando a chegar. Logo alguém vai pegar a sacola.

– Estou curiosa para saber quem perdeu – Joana comentou.

– Eu também – Caio admitiu. – Amanhã a gente pergunta para o porteiro.

ENCONTRAMOS UMA
SUGESTÃO DE
FRUTAS NO DIA DO
ANGATU. QUEM
PERDEU
PEGAR NA PASTELARIA

6

Na hora do intervalo, Caio contou para o Afonso que ninguém tinha ido pegar a sacola de frutas. O pai dele perguntou logo cedo quando saiu para comprar pão. Que mistério! No resto da manhã, a professora do Caio e da Carina ficou explicando os vários jeitos que as pessoas podem fazer para economizar energia. Abrir a geladeira toda hora, por exemplo, é muito ruim.

Na sala da Joana e do Afonso, por sua vez, a professora contou de onde vem uma boa parte da energia que a gente usa. As crianças ficaram impressionadas quando ela explicou o funcionamento de uma central hidrelétrica. As fotos da Usina de Itaipu eram incríveis. – Sai tanta energia de lá – ela falou – que vai para dois países: Brasil e Paraguai.

Antes de acabar, ela falou ainda do problema dos combustíveis fósseis: – O petróleo, por exemplo, vem do resto de seres vivos que morreram há muito tempo e ficaram enterrados. Um menino, então, quis saber se o petróleo vinha do bisavô dele. A professora riu e explicou que não era daquele jeito: – Na verdade são milhares e milhares de anos. O problema é

que os combustíveis que vêm do petróleo, como por exemplo a gasolina, vão acabar. Como a nossa vida está toda baseada nos carros, quando isso acontecer vai ser muito grave.

Em casa, o Afonso comentou com a avó que mora com eles que a professora tinha falado que além do problema do combustível, os carros também poluem muito o ambiente.

– É verdade – ela respondeu – tem gente que pega o carro até para ir na esquina. Parece que não sabe andar...

Três horas da tarde em ponto, os quatro detetives já estavam reunidos no saguão. Como ninguém tinha aparecido para pegar a sacola, eles resolveram investigar sozinhos. Joana começou dando uma ideia: – Caio, você lembra onde a sacola estava?

– No degrau da escada, perto da porta do segundo andar – ele respondeu logo.

– Bom, então não pode ser de ninguém que mora no primeiro – Joana concluiu com ar de Sherlock Holmes.

– Muito bem – os três amigos disseram juntos aplaudindo. O próximo passo foi fazer uma lista de todos os possíveis donos da sacola a partir do segundo andar. Dessa vez não deu muito certo, pois tirando os apartamentos deles mesmos, o do síndico e o outro que estava vazio, todos eram suspeitos.

7

– Olha, gente – Joana falou com a cara de Sherlock Holmes que ela tinha decidido não largar mais – acho que estamos começando errado.

– Vamos começar antes que a luz acabe para sempre – Carina interrompeu a amiga, mostrando que continuava com medo de viver o resto da vida no escuro.

– Calma, Carina!!! – os outros três falaram juntos.

Outra vez, e com toda a paciência do mundo, Joana explicou para a amiga que dá para fazer muita coisa para cuidar do problema da energia. Como o apagão tinha virado assunto nacional, na escola os professores só falavam nisso.

– Agora, nosso problema é a sacola de frutas que eu achei no dia que acabou a luz – Caio lembrou os amigos. Desde aquele dia ele está ansioso para descobrir o dono. Quem será que largou tudo aquilo para trás?

– É verdade – Joana concordou – então vou continuar. – A gente tem que começar a investigação pela nossa única pista.

– Eu acho que a gente não tem nenhuma pista – Afonso falou.

– A gente tem uma sacola de frutas – Joana disse.

– Mas isso não é pista – Afonso interrompeu a amiga. Como ele conhecia bem aquele jogo de detetive, todo mundo prestou atenção no que ele estava querendo dizer: – Uma pista é uma pegada, um bilhete, alguma coisa que alguém viu ou ouviu. A gente só tem a prova do crime.

– Perder uma sacola de frutas não é um crime, né?! – ponderou a Joana.

Se fosse, eu por exemplo já estaria preso. Quando estou escrevendo um livro, fico tão concentrado que esqueço onde coloquei qualquer coisa. Perco a chave de casa, a carteira, os documentos, tudo...

– Não é um crime, – Afonso falou meio bravo – mas é o mistério que temos que resolver.

– Isso é verdade – Carina acrescentou para poder falar alguma coisa também.

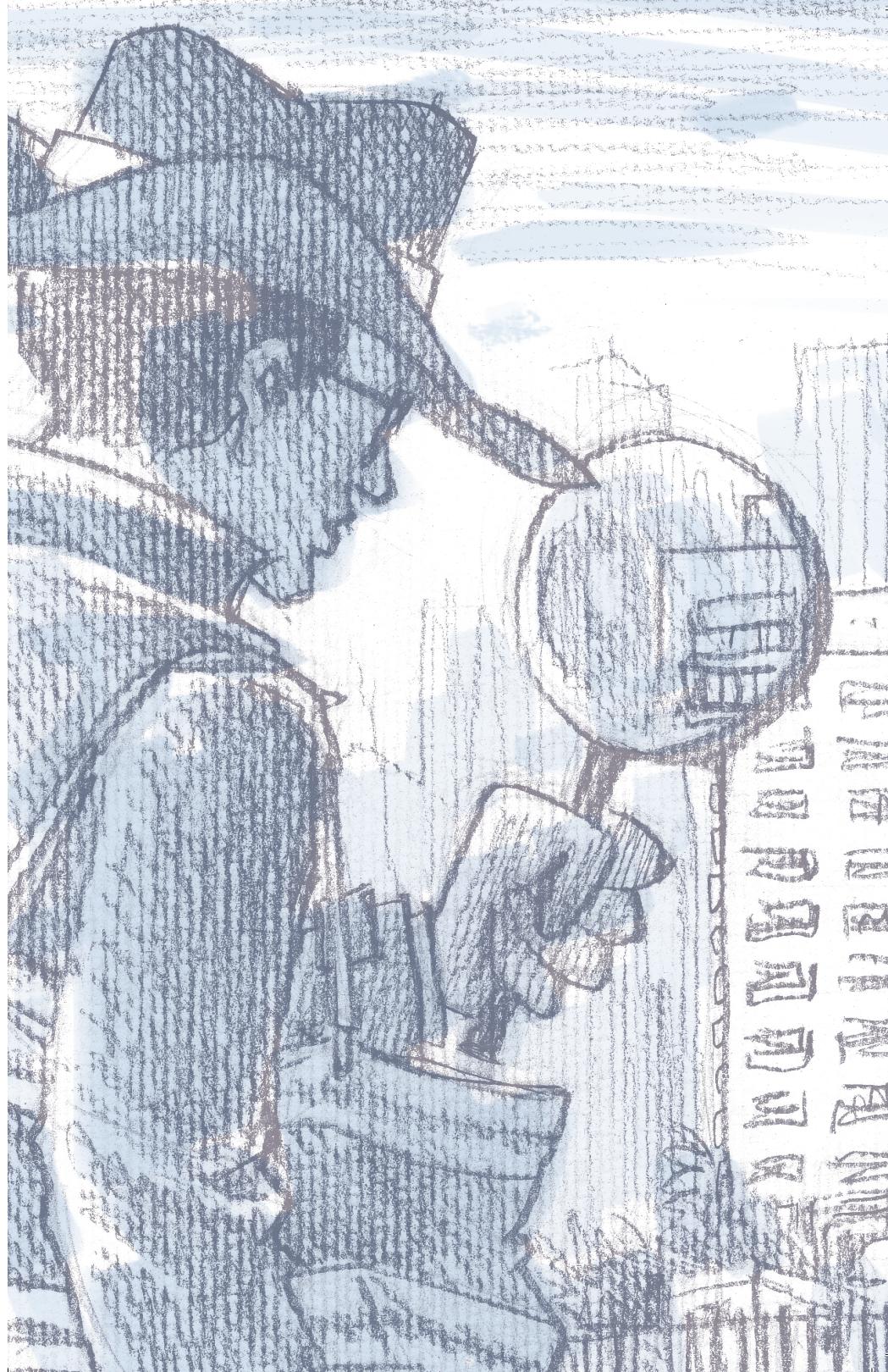
– Bom, mas sendo ou não uma pista, só temos a sacola de frutas – Joana continuou. – Então precisamos procurar quem come frutas aqui no prédio.

– Acho que todo mundo – Caio interrompeu desanimado.

– É verdade – Joana falou ainda sem desistir da cara de Sherlock Holmes. – Mas a sacola está cheia de frutas! E não tem mais nada dentro.

– Agora sim, Afonso falou sorrindo. – Lembra que o professor de educação física falou que comer fruta ajuda a saúde e fica mais fácil para entrar em forma?

– É isso, meu caro Afonso – agora Joana estava mesmo feliz: – Os donos devem ser os moradores do prédio que gostam de exercícios.



8

Depois de recolher informações na portaria e de tentar lembrar o que viam nos elevadores e no resto do prédio, as crianças completaram a lista dos apartamentos onde moram pessoas que praticam esportes com regularidade. São dois casais, que moram no quinto e no oitavo, e uma moça que vive no oitavo andar também.

- Nossa, é muito pouco – observou Joana.
- Será que a gente não está esquecendo ninguém? – Caio sugeriu de novo.

Mas eles estavam certos. Em um prédio com 64 apartamentos, quase todos ocupados, ninguém mais pratica esportes com regularidade! Por fim, lembraram de uma ausência.

- Afonso, sua avó não faz exercício na água? – Carina perguntou.
- O nome certo é hidroginástica – Caio corrigiu.
- Ela faz, três vezes por semana. Mas você esqueceu? Ela não é suspeita, pois já pesquisamos nossas próprias casas.
- É verdade. – Carina concordou.
- Mas ela não vai com outra senhora? – Joana lembrou.

– É a dona Regina, que mora no décimo primeiro. Então vamos colocar o nome dela na lista de suspeitos também. – De novo, todo mundo aplaudiu a Joana.

Então a lista ficou com quatro apartamentos. As crianças decidiram não perder mais tempo e foram direto conversar com o casal do quinto andar. Pena que não estavam. Aconteceu a mesma coisa no oitavo andar: eles tocaram a campainha três vezes, mas ninguém atendeu. Por sorte, a Aline, que morava sozinha, estava em casa e foi logo abrindo a porta, contente com a visita das crianças.

– Dona Aline – Joana começou, mas foi na mesma hora interrompida.

– Pode me chamar só de Aline mesmo – a moça respondeu.

– Obrigado! Aline, estamos fazendo uma investigação para descobrir quem deixou uma sacola de frutas na escada – de novo ela foi interrompida, agora pelo Caio.

– Foi perto da porta da escada do segundo andar, eu que achei – Caio fez questão de dizer.

Aline sorriu para os dois e perguntou se as crianças queriam um suco de frutas.

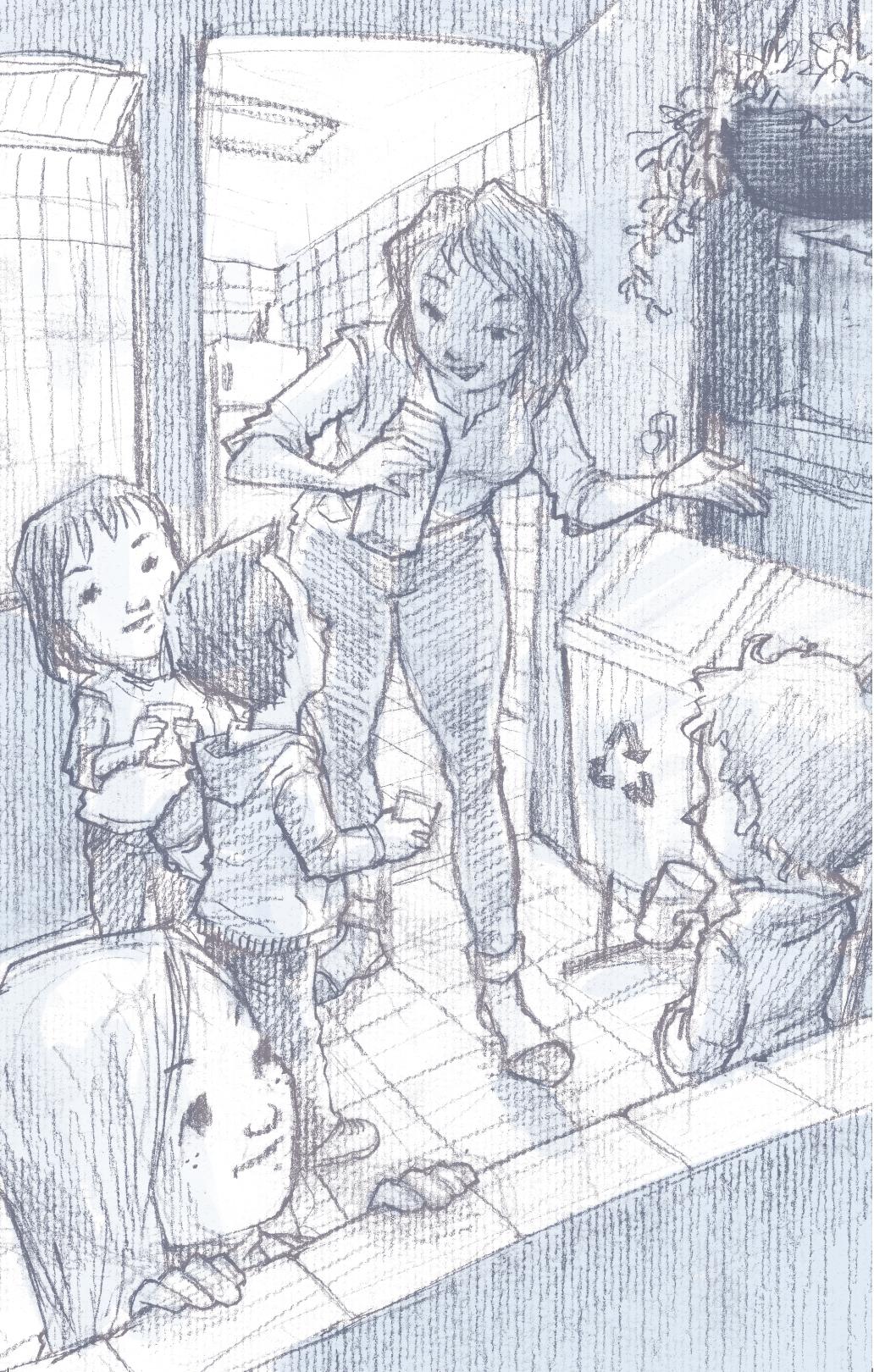
– Então você já tem frutas em casa – Afonso concluiu antes mesmo que a investigação começasse.

– Eu tenho, pessoal. Olha, não fui eu que esqueci a sacola, não. Naquele dia, por sorte cheguei um pouco antes e deu tempo de subir de elevador.

Mesmo desanimadas, as crianças tomaram o suco que a Aline preparou. Todo mundo ficou na sala conversando sobre como foi naquele dia do apagão. Quando estavam saindo, a Joana viu que havia na cozinha dois tipos diferentes de lixo.

– Por que você tem duas cestas de lixo? Você joga muita coisa fora?

Aline riu e explicou que não. Na verdade, ela faz coleta seletiva e separa o lixo que pode ser reciclado.



9

Aline mostrou para os quatro detetives o símbolo da reciclagem: três flechinhos que formam um triângulo. – Nessa lata aqui – explicou – eu jogo o lixo que não pode ser reciclado. Casca de laranja, por exemplo.

– Todo mundo que gosta de fruta, então, joga fora o lixo desse jeito? – Afonso perguntou.

– Não necessariamente, ainda não é todo mundo que faz isso. Aqui no prédio, por exemplo, não tem essa divisão. Então, o lixo para reciclar eu jogo no latão separado para isso lá na escola onde dou aula.

– Que pena – continuou o garoto – senão a gente poderia esperar as pessoas que saem com o lixo reciclado e perguntar quem perdeu uma sacola cheia de frutas.

– É verdade – Aline riu – mas não vai dar certo. Só se o prédio começasse a separar o lixo também.

– E uma lata de refrigerante, dá para reciclar? – Joana quis saber.

– Dá, sim. Dá para reciclar muitas embalagens. É importante separar, pois alguns produtos que a gente joga fora ficam largados na natureza por muitos e muitos anos.

– Então, quando acabar a luz para sempre, talvez a gente até tropece na rua em um monte de latas de refrigerante. – Quem disse isso foi a Carina, claro.

– É difícil a gente ficar no escuro pra sempre – Aline tentou tranquilizá-la – mas a gente precisa pensar mesmo nisso. Uma casca de laranja logo se decompõe e pode servir para muita coisa, até para adubo.

– O que é abudo? – Caio perguntou, mostrando que já estava meio cansado.

– Não é abudo, é adubo – Aline corrigiu. – É uma coisa que a gente coloca na terra para ajudar as plantações, por exemplo. O solo fica melhor.

– E o papel? – Caio perguntou para ver se falava alguma coisa boa depois do abudo.

– Papel a gente também recicla, mas eu coloco em um outro cesto, lá na frente da mesa.

– O escritor que mora aqui no prédio, então, deve gastar muito papel – Joana falou.

– Não sei – Aline respondeu – hoje em dia, muitos escritores criam suas histórias direto no computador.

É verdade, eu responderia se estivesse lá. Mas não no meu caso: primeiro escrevo tudo à mão e só depois digito. Mas se as crianças vierem até aqui, vão ver que já reciclo meu lixo.

Na verdade, elas virão me visitar, mas não agora. Primeiro, vou fazê-las ver outras pessoas aqui do prédio. Agora está tarde e é melhor todas voltarem para os seus apartamentos. A mãe da Joana já está terminando de fazer o jantar.

10

Na hora do jantar, Afonso contou para os pais e a avó como foi a visita à casa da Aline. Todo mundo gosta dela no prédio porque às vezes ela brinca com as crianças na quadra. Foi ela também que disse para a vó do Afonso que ela devia fazer hidroginástica. Por falar nisso, ele acabou de lembrar de perguntar se a amiga da avó que a acompanha na academia não teria esquecido a sacola de frutas.

– Com certeza não foi ela – a avó explicou – porque sempre alguém carrega a sacola para ela por causa do peso.

O pai do Afonso perguntou para o filho se já não estava na hora de acabar com aquela história: – Metade das frutas já deve estar podre.

Antes que o menino respondesse, a avó tomou a palavra e disse que não concordava: – As crianças estão certas, desse jeito elas estão percebendo como precisamos prestar mais atenção no problema da energia e do lixo.

Dessa vez foi a mãe do Afonso que resolveu falar alguma coisa, rindo para a sogra: – Desde que eu namoro o seu filho, a senhora é uma ativista!

– Por que a vó gosta de fazer exercícios? – Afonso perguntou. Dessa vez todo mundo na mesa começou a rir. O pai explicou a confusão:

– Não, meu filho! Quem gosta de fazer exercícios é “ativo”. “Ativista” é quem sempre está lutando e fazendo alguma coisa para o mundo ficar melhor.

– Então a vó é ativa e ativista! – Afonso concluiu, rindo.

Depois do jantar, a avó disse que dali em diante eles também fariam coleta seletiva de lixo: – Vamos separar para a reciclagem.

– No outro dia, na escola, Afonso comunicou que eles teriam que tirar a amiga da avó dele da lista de suspeitos, pois ela sempre contava com ajuda para levar as sacolas até seu apartamento. Joana, com cara de desapontada, disse que o pai tinha subido o elevador com o casal do quinto andar e aproveitou para perguntar para eles sobre a sacola.

– Também não foram eles, meu pai descobriu.

Agora, então, da primeira lista de suspeitos só restava o casal do oitavo andar. Sem desistir as crianças marcaram de se reunir no saguão do prédio às 17 horas. Das outras vezes, eles tinham marcado um pouco mais cedo, mas hoje não vai dar porque a professora do Afonso e da Joana passou um trabalho diferente para as crianças levarem para a escola amanhã: uma lista de palavras cujo sentido elas tinham descoberto fazia pouco tempo e achado engraçado. Antes de chegar em casa, Afonso listou três: ativista, adubo e reciclagem.

11

Dessa vez, a avó do Afonso resolveu ir à reunião dos detetives do prédio. Ela explicou que descobrir o dono da sacola de frutas é importante, mas que o fundamental das ações deles era outra coisa.

– Vocês estão descobrindo como as pessoas perdem a oportunidade de tornar a vida de todo mundo melhor!

– É verdade – Carina se empolgou – no dia que acabar a luz para sempre, não vou aguentar subir e descer a escada do prédio todos os dias. De forma nenhuma!

Dessa vez, todo mundo riu. Não tem jeito de tirar aquilo da cabeça da Carina. Até a professora explicou que a energia não iria acabar para sempre. O problema é que cada vez mais a natureza está sendo agredida. Se as coisas não melhorarem, logo a gente vai ter problemas ainda mais sérios.

Depois que todo mundo tentou, pela milionésima vez, acalmar a Carina, a avó do Afonso continuou:

– Eu gostei muito da história da reciclagem que vocês aprenderam com aquela moça, a Aline. – Como tinha um adulto presente, o porteiro resolveu levar um pouco de água

para a reunião dos detetives. Afinal de contas, eles estão fican-
do importantes!

Depois de beber meio gole, dona Heidy continuou: – Acho que a gente deveria explicar para todo o prédio como funciona a coleta seletiva de lixo. Depois, a gente pede para o síndico colocar latões de cores diferentes para os moradores separarem tudo.

– Legal! – Caio exclamou. – Então vamos fazer mais um cartaz!

O primeiro cartaz, aquele em que eles procuravam o dono da sacola, tinha feito muito sucesso no prédio. – Esse vai ser mais legal ainda, – dona Heidy garantiu.

Cada criança voltou então para casa e pegou um material diferente. Caio achou duas folhas grandes de cartolina que tinham sobrado de um trabalho da escola. Carina trouxe a coleção de canetinhas e a Joana pegou tesoura e cola. Eles tinham combinado de recortar algumas figuras e desenhos de revistas e jornais para deixar o cartaz mais animado.

Os quatro se sentaram no chão ao redor da cartolina e a avó do Afonso aproximou a cadeira. Cada um deu uma ideia e logo eles decidiram colocar várias latas de lixo diferentes com o que poderia ser jogado em cada uma delas. Ficou parecendo que os latões eram transparentes.

– Mas não vamos esquecer de falar que cuidar do lixo vai ajudar a não ter mais apagão – Carina sugeriu. Dessa vez ninguém deu risada: a energia saiu da natureza!

12

No final, a avó explicou que a única coisa que estava faltando era um nome para o grupo assinar o cartaz. – Assim todo mundo fica sabendo que vocês estão organizados e vão continuar cuidando do prédio!

– E quem perder outra sacola – Caio disse – pode ficar sossegado: a gente investiga até achar o dono.

– Se for do mesmo jeito que essa – Joana respondeu meio decepcionada – pode ir esquecendo...

– Não fiquem chateados – a avó do Afonso tentou consolá-los – logo vocês acham o dono. E se não der certo, pelo menos fizemos esses cartazes.

Vou esperar um pouco mais para deixá-los descobrir que fui eu que perdi a sacola na escada. Quando planejei pela primeira vez esse livro, não tinha pensado que a avó do Afonso iria entrar na história. No meio, percebi que seria melhor um adulto ajudar um pouco as crianças, para elas não ficarem muito perdidas. Dona Heidy está fazendo um bom trabalho:

– Se vocês quiserem, vou junto visitar o casal do oitavo andar. Eles não são os últimos da primeira lista de suspeitos que vocês tinham?

– São sim – Joana foi logo esclarecendo. – Se não tiver sido eles, a gente vai ter que pensar em outra coisa!

– Então vamos ver se eles já chegaram, – antes de terminar de falar, dona Heidy já estava em pé. Ela pediu cinco minutos, para poder levar o cartaz lá para cima:

– Vou fazer quatro cópias coloridas e amanhã afixo em alguns lugares aqui do prédio.

Cinco minutos depois, os quatro detetives e ela já tocavam a campainha do casal. Por sorte, os dois estavam em casa. Eles ficaram contentes com a visita e foram logo colocando todo mundo para dentro. Quem resolveu falar primeiro, depois que a dona Heidy tinha trocado algumas palavras com os donos do apartamento, foi a Joana:

– A gente veio saber se não foram vocês que perderam uma sacola cheia de frutas naquele dia que acabou a luz.

O casal riu e a esposa Márcia respondeu:

– Poxa vida, não fomos nós. Por que vocês estão suspeitando da gente?

– É que fizemos uma lista de todas as pessoas que fazem esportes no prédio – Joana falou com o rosto sério – pois a gente acha que essas pessoas gostam de frutas.

– Elas tomam muito suco – Caio interrompeu.

Márcia deu risada e teve uma ideia muito boa:

– Não fomos nós, não. Mas por falar nisso, vou na cozinha fazer um suco para a gente!

Dona Heidy resolveu ir junto, para ajudar. Ela percebeu que Márcia tinha o costume de deixar a porta da geladeira aberta, mesmo quando não estava pegando nada, o que acaba gastando energia. Para não ser indelicada, dona Heidy não disse nada na hora, mas percebeu que além dos cartazes as crianças precisam fazer um informativo. Vou dar essa ideia para eles também, no final do livro.

13

O sábado amanheceu ensolarado e antes mesmo das dez horas, dona Heidy já tinha feito as quatro cópias do cartaz e afixado tudo pelo prédio. Quando foi colocar o último na escada da garagem, encontrou com seu Geraldo. Ele ainda estava triste, pois tinha ficado viúvo três meses antes, mas se animou com a ideia.

– A próxima reunião do condomínio é daqui a duas semanas. Podemos já discutir isso então.

Ela explicou que a iniciativa tinha partido das crianças. Por falar nelas, só falta a Joana descer para o grupo ficar completo. Quando chegou à reunião, a primeira coisa que a avó do Afonso lembrou foi o nome do grupo.

– A gente não colocou um no cartaz! Mas para os próximos, vocês precisam pensar em um nome bem legal!

– Vamos fazer outros cartazes? – Caio perguntou. Antes que a avó respondesse, Joana falou ainda esbaforida, pois tinha descido correndo:

– Do jeito que a nossa investigação está dando errado, vamos ter que escrever um livro.

– Não desanimem! Se não der certo, vocês pelo menos fizeram descobertas importantes.

– Descobrimos tudo, – Afonso falou rindo – menos o que a gente queria!

– Vamos fazer assim – dona Heidy resolveu ajudá-los mais ainda – para essa angústia acabar vocês podem dar um prazo para a investigação.

– Até amanhã à noite – Joana respondeu rápido – pois aí teremos todo o fim de semana para procurar.

Todos concordaram, mas Carina mostrou que ainda continuava com medo:

– Mas amanhã eu vou almoçar na casa da minha avó, se a luz não acabar.

– Não se preocupe tanto – dona Heidy a acalmou. – Para dar mais certo, vamos organizar o trabalho. Alguém não pode investigar hoje?

– Eu só vou sair de noite com a minha mãe – Joana falou. Os outros disseram que também tinham o dia livre. Afonso, porém, lembrou que a professora tinha passado lição de casa.

– Então a gente procura a manhã toda – dona Heidy falou – e vocês têm a tarde livre para estudar. Mas antes temos que pensar em um nome.

– “Detetives particulares”! – Joana foi logo dizendo, mas os outros não gostaram.

– Do jeito que vamos, ninguém vai contratar a gente.

– Mas é um nome para os cartazes, não para as investigações – dona Heidy lembrou. – E os cartazes de vocês são muito bonitos!

14

Com a cara de gozação, Afonso deu uma ideia para o nome: – Acho que nosso grupo deveria chamar “Os abudos”!

Ninguém entendeu nada. Dona Heidy explicou então que um nome serve para chamar atenção das pessoas. – Se for “Os abudos”, ninguém vai saber o que vocês estão fazendo – ela continuou – e talvez os moradores do prédio não prestem atenção na mensagem de vocês.

– Sem falar – Joana interrompeu – que eu não quero ficar conhecida como uma coisa que a gente joga na terra para ajudar as plantas a crescer.

– Nem eu – Caio concordou rindo. – E não é “Os abudos”, e sim “Os adubos”.

– Mas a gente não está plantando essas ideias no prédio?

– Carina falou e pela primeira vez ninguém deu risada da cara dela.

– Isso é verdade – dona Heidy concordou – mas será que o pessoal vai entender?

– A gente explica – Afonso falou, com alguma esperança de que sua ideia não fosse logo desprezada.

– Mas aí não tem graça – a avó dele opinou – pois nome bom é aquele que a gente entende na hora.

– Isso é verdade – Afonso deu o braço a torcer. – Então a gente devia achar um nome que fale das nossas investigações.

– “Os detetives da sacola”! – Caio sugeriu rindo.

Todo mundo achou engraçado, mas Joana disse que talvez as pessoas fizessem piada! – Afinal de contas – completou – a gente ainda não achou o dono da sacola.

– Como detetives, – Afonso desabafou – não estamos indo muito bem.

Dona Heidy comentou o fato de eles não conseguirem encontrar o dono os estava chateando muito e, por isso, resolveu animá-los:

– Pessoal, às vezes a gente não consegue nosso objetivo, mas mesmo assim acaba fazendo uma coisa legal.

– Como nossos cartazes! – Carina falou orgulhosa.

– É verdade – dona Heidy concordou – e também a história da coleta seletiva de lixo! Então, eu acho que o nome do grupo tem que ter alguma ligação com a sacola, sim.

– Minha mãe disse que o dono da sacola deve gostar de ir ao Sacolão, – quando Caio acabou de falar, todo mundo riu.

– Não vai dizer que você quer dar o nome de “Sacolão” para a gente?! – Joana perguntou.

– “Sacolão”, não! – concordou Afonso.

– Mas também não “Sacolinha” – Carina disse de novo causando a maior gargalhada.

– E que tal – falou Joana, sempre pensativa – “Os Sacolejadores”?

Só a Carina não gostou: – Mas o que significa isso? – perguntou com vergonha.

– É quem questiona e quer mudar as coisas. “Sacolejar” significa “tremer” ou “mudar”.

– E vocês estão tentando mudar o prédio, dona Heidy concordou. – Então estão sacolejando mesmo!

Nem precisou mais discutir: o nome do grupo ficou esse mesmo: “Os Sacolejadores”!

15

Eu mesmo estou agora me sentindo mal por ter colocado tantas dificuldades na investigação das crianças. Eu queria que elas discutissem bastante e descobrissem vários problemas quanto ao gasto de energia no prédio antes de finalmente ficarem sabendo que fui eu que perdi a sacola na escada. Bom, se elas não descobriram o culpado ainda, podem se alegrar com o sucesso dos cartazes. Enquanto estavam colando o segundo, com a ajuda da dona Heidy, seu Geraldo parou para olhar:

- Ficou muito bom, crianças! Vou falar sobre isso na reunião do condomínio. Vocês estão indo muito bem.
- Mas a gente ainda não achou o dono da sacola – Joana o interrompeu, mostrando toda a sua decepção.
- Não se preocupe, minha filha, logo vocês vão achar.
- A gente não tem nem um plano, seu Geraldo... – Afonso revelou, mostrando que também estava aborrecido.
- Ué, dona Heidy exclamou – vamos bater na porta de cada um dos apartamentos. Uma hora a gente acha o dono.
- Que bela investigação, essa... No começo, a gente pensou em fazer isso. – De fato, Joana estava mesmo chateada.

Tentando animá-la, seu Geraldo resolveu fazer um esclarecimento:

– Essa é uma técnica de investigação para usar só no final. Chama-se “pente fino”.

– Nossa! Igual quando a gente tem piolho?! – Caio não aguentou e acabou falando. Todo mundo deu risada.

– Mais ou menos, – seu Geraldo falou – quando a gente pega piolho, tem que passar um pente bem fininho na cabeça. Mas no caso de vocês, significa investigar todos os lugares, sem deixar passar nenhum canto.

– É isso, crianças – dona Heidy completou – e para vocês cada canto é um apartamento!

A essa altura, o grupo já tinha afixado todos os cartazes e, por isso, resolveram partir logo para a investigação. No primeiro andar, nem precisaram bater na porta do seu Elias. Ele e a esposa estavam saindo para fazer compras e explicaram que não tinham perdido a famosa sacola no dia do apagão. Aliás, eles estavam viajando. No apartamento do lado não havia ninguém, o que deixou as crianças apreensivas:

– Bom, vamos colocar esse na lista de espera. Tomara que não tenham sido eles.

Na porta da frente, por sorte o seu Paulo foi logo abrindo. Com sessenta anos, ele morava sozinho e quase nunca recebia visitas. Mesmo assim pediu para as crianças entrarem. Quando todo mundo estava na sala, dona Heidy explicou o caso.

– Não, eu não perdi nenhuma sacola. Naquele dia nem saí de casa.

Como o seu Paulo não era de muita conversa, as crianças agradeceram e foram logo saindo.

16

O outro apartamento do primeiro andar é o da dona Sônia. Eles já sabem que não foi ela que perdeu a sacola, pois a mãe do Caio tinha perguntado logo depois do apagão. Agora vão vir para o segundo. Como a minha porta fica logo em frente à escada, é aqui que as crianças devem bater primeiro. Ainda não estou preparado: vou fazê-las conversar um pouco mais.

Dona Heidy, então, sugeriu que subissem de escada: – É só um andar, crianças, assim a gente economiza energia e deixa o elevador parado.

Espantada com o que tinha acabado de ver, Joana exclamou quando todos já estavam subindo: – Nossa, vocês viram que o seu Paulo deixa todas as luzes acesas?

– Pois é, – Afonso completou – deve ser por que ele não gosta de abrir as janelas.

– Isso é uma coisa que “Os Sacolejadores” precisam falar – dona Heidy aconselhou – pois gasta energia à toa.

– Vamos escrever nos nossos próximos cartazes: “Para apagar a luz, abra a janela!” – Caio falou todo animado.

– Mas e se estiver chovendo? – Carina perguntou enquanto tentava, ela mesma, imaginar a resposta. Pensar e andar, porém, não são duas coisas que a gente deveria fazer ao mesmo tempo! Como estava distraída, ela tropeçou e precisou segurar com força no corrimão para não cair na escada. Depois de ajudá-la a se recompor, dona Heidy respondeu à dúvida:

– Se estiver chovendo, aí a gente deixa o vidro fechado. Com a casa bem iluminada, dá para acender a luz só de noite.

Assim que terminou a frase, dona Heidy apareceu no saguão aqui do segundo andar. Estou vendo-a pelo olho mágico da porta.

As quatro crianças ficaram ao lado dela e a Joana resolveu ser a primeira a falar:

– Vamos consultar o escritor logo. Meu pai disse que ele está sempre em casa, porque precisa se concentrar para escrever.

Na verdade, não é exatamente isso. Escrevo pela manhã, então nesse horário nunca saio. Aliás, não gosto nem de atender o telefone. Mas depois gosto muito de passear. As pessoas acham que escritores são muito mais esquisitos do que na verdade são...

– Se ele estiver escrevendo agora – Afonso falou – não vai querer conversar com a gente.

– Bom, mas temos um prazo – Joana respondeu ansiosa – a gente avisa que é rápido.

– É isso mesmo – Caio apoiou a amiga – a gente só quer fazer uma pergunta!

E então um deles tocou a campainha aqui do meu apartamento. Como estou do outro lado da porta, abri na mesma hora.

17

Quando abri a porta, Joana não me esperou falar e foi logo perguntando: – O senhor está escrevendo bem agora?

– Estou – respondi – mas posso responder o que você quer me perguntar...

Dona Heidy riu, mas as outras crianças ficaram paradas, olhando sem entender nada.

– Como o senhor sabe que a gente quer fazer uma pergunta? – Caio finalmente quebrou o gelo.

– É porque nesse momento estou escrevendo exatamente isso: vocês estão fazendo uma pergunta.

– Agora é que não entendo mais nada – Carina admitiu. Dessa vez ninguém riu dela.

– Então entrem aqui que vou explicar – convidei. Dona Heidy, porém, desculpou-se:

– Como já sei de tudo – falou – vou saindo da história.

Enquanto eu me despedia dela (nessa história dona Heidy não volta mais), as crianças entraram na sala. Afonso parecia o mais curioso:

– O senhor escreve naquela mesa? – perguntou enquanto apontava para o meu lugar de trabalho.

– É isso mesmo. Por que você não vai até lá e vê o que acabei de escrever?

Afonso foi até a minha mesa e leu em voz alta: “Afonso foi até a minha mesa e leu em voz alta”.

Perplexo, o menino parou um instante e depois exclamou:
– Mas isso foi o que eu acabei de fazer!

– Minha Nossa Senhora – Joana exclamou – Então a gente é personagem de um livro?

– Sim – respondi meio envergonhado.

Ainda incomodadas, as crianças trocaram olhares.

– Então... – Joana foi a primeira a tomar a iniciativa – A gente não existe?!

– Não é bem isso – respondi – vocês são personagens do meu livro. Existem dentro da história.

– O senhor é que comanda o que vamos fazer? – Afonso perguntou entusiasmado.

– Mais ou menos – admiti – às vezes sai um pouco do controle. Então tenho que pensar em algo.

– Como o quê? – Joana perguntou coçando o queixo.

– Como quando eu coloquei a dona Heidy na história.

– Ah, aí a gente se organizou mais – Caio falou, lembrando-se do que tinha acontecido.

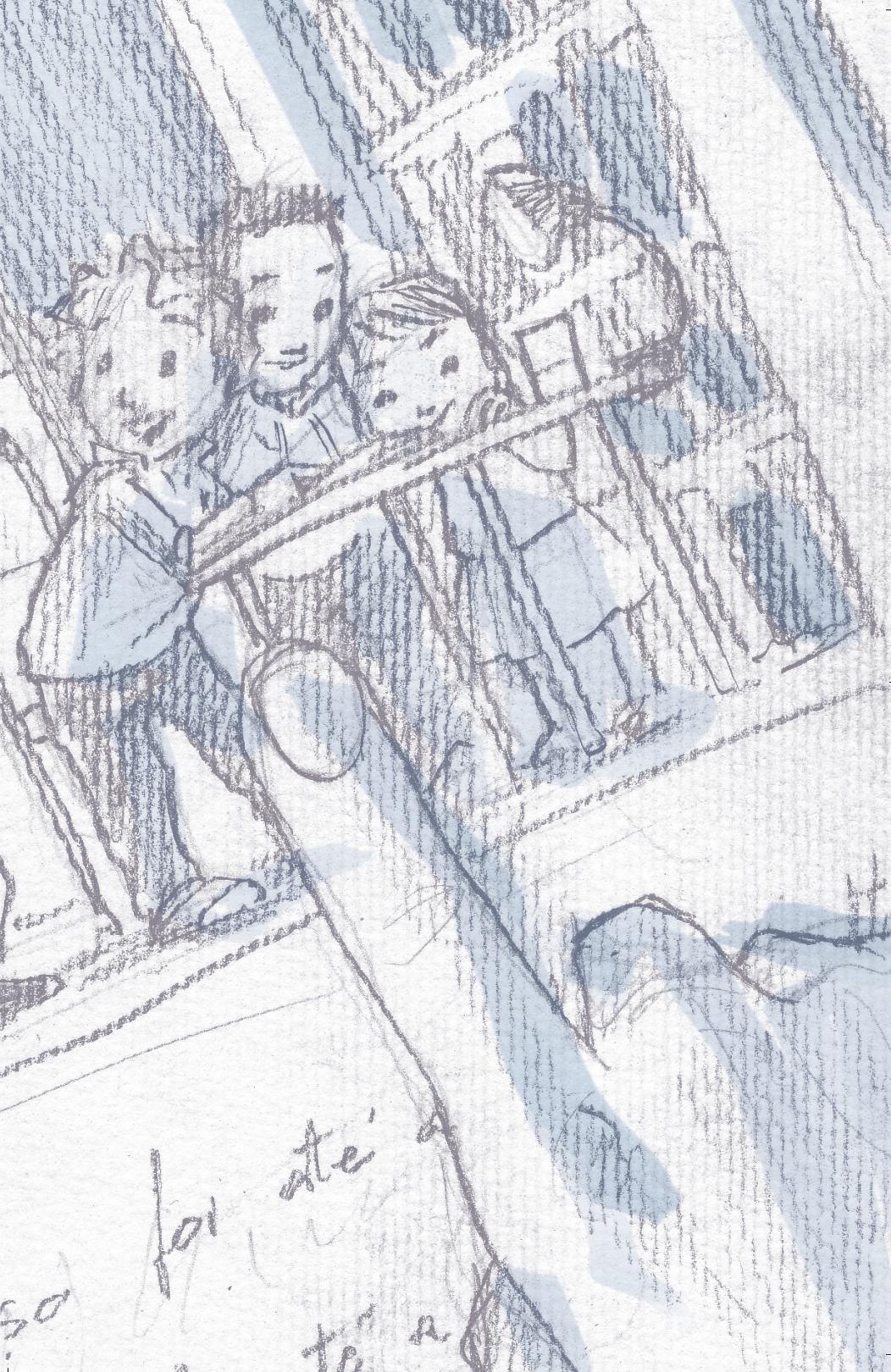
– É verdade, era essa a minha ideia.

Nesse momento, Joana reparou que Afonso e Carina já tinham saído da sala. É que eu não vou mais colocá-los na história.

– Calma, senhor escritor – ela falou meio brava – ainda não acaba o livro!

- Por quê? – perguntei.
- A gente não fez os jornaizinhos com as dicas para o pessoal aqui do prédio aprender a economizar energia. – Caio falou interrompendo a amiga.
- É verdade, mas quem sabe os leitores não façam também alguns? – respondi. Caio escutou, concordou sorrindo e também saiu da história. Só falta a Joana:
- E também – ela falou rindo – só falta uma coisa: foi o senhor que perdeu a sacola, né?
- Claro, – respondi – para poder escrever esta história...





so

for late

to a

A Coleção Sonho Verde foi concebida para promover, pelo viés literário, a conscientização para a necessidade de uma nova ética. A ideia é despertar os jovens leitores para os desafios impostos pelas mudanças climáticas ou pelo consumo desenfreado, por exemplo. Incitá-los a pensar em suas próprias aspirações e em ações possíveis para a construção de um futuro que esteja em consonância com o desenvolvimento sustentável.

RICARDO LÍSIAS nasceu em 1975, em São Paulo. Escritor, publicou cinco romances e um livro de contos. Com o romance *Duas praças*, recebeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira. *O céu dos suicidas* ganhou o prêmio de melhor romance da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Foi escolhido pela revista *Granta* para integrar a edição de *Os melhores jovens ficcionistas brasileiros*. Seus livros já foram traduzidos para diversos idiomas.

RODRIGO YOKOTA nasceu em São Paulo, em 1983. É artista visual e atua em várias plataformas e suportes. É professor de artes em seu ateliê e na Quanta Academia de Artes.

Copyright © 2014 by RICARDO LÍSIAS

Presidente REINALDO DOMINGOS

Direção editorial SIMONE PAULINO

Projeto editorial MIRNA QUEIROZ

Editora-assistente RENATA DE SÁ

Ilustrações RODRIGO YOKOTA

Projeto gráfico BLOCO GRÁFICO

Produção gráfica CHRISTINE BAPTISTA

Revisão RODRIGO JORGE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lísiás, Ricardo

A sacola perdida / Ricardo Lísiás ; ilustrações
Rodrigo Yokota. -- 2. ed. -- São Paulo : Editora
DSOP, 2023.

ISBN 978-85-8276-630-9

1. Literatura infantojuvenil I. Yokota, Rodrigo.
II. Título.

23-183388

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Rua Alba, 88 - Parque Jabaquara

São Paulo - SP - Brasil

CEP: 04346-000

www.editoradsop.com.br

Fonte CALENDAS
Papel OFFSET 90 g/m²

Um escritor, uma sacola de frutas perdida e quatro crianças compõem uma história que mudará a vida dos moradores de um prédio. Afonso, Carina, Caio e Joana são vizinhos e estudam juntos. A turminha começa a perceber que muito mais do que viver em comunidade, a convivência com os outros não é tão fácil.

Um apagão leva as crianças a uma série de acontecimentos marcados pela consciência social e melhoria na qualidade de vida em grupo. Na escuridão, uma sacola esquecida na escada faz com que os quatro desvendem um mistério que irá se transformar em várias melhorias no prédio como: a economia de água e energia, além da reciclagem. A sacola perdida é uma aventura por um mundo melhor.



9 788582 766309

dsop
editora